

**URBANO, Hudinilson (2000). *Oralidade na literatura (O caso Rubem Fonseca)*. São Paulo: Cortez, 288 p.**

*Luiz Antônio da Silva \**

**A**tualmente, percebem-se mudanças significativas no processo de comunicação. Alguns dizem que não se fala nem se escreve como antigamente. Outros afirmam que, em tempos remotos, os usuários da língua sabiam cuidar bem do falar e do escrever, hoje não mais. Não se pode esquecer que os tempos, de fato, mudam e a língua não fica imune a essas transformações culturais. No dia-a-dia, especialistas e leigos comunicam-se por meio do uso comum da língua; na literatura, é forte a presença da linguagem cotidiana.

De forma mais ou menos acentuada, em diversas épocas, os escritores foram impelidos a retratar em suas obras a influência da língua falada. Sem dúvida, os escritores contemporâneos têm buscado estratégias para transformar o coloquial do cotidiano em matéria artística.

Dentre esses autores, José Rubem Fonseca é um dos mais significativos. Suas obras caracterizam-se por um realismo feroz, cruel, violento da sociedade como um todo. Seus temas exploram o conflito social, a violência, a desumanização, a hipocrisia burguesa. É um escritor que desperta interesse pela vinculação à problemática da língua falada popular contemporânea.

---

\* Universidade de São Paulo – USP.

Retomando e atualizando sua tese de doutorado – *Oralidade na literatura (O Caso Rubem Fonseca)*, Hudinilson Urbano explora essa problemática. Ele elabora uma minuciosa análise lingüística e estilística do escritor mineiro, tomando como parâmetros os fundamentos teóricos da Lingüística, da Análise da Conversação, da Sociolingüística, da Pragmática, da Estilística e da Teoria Literária. Conforme diz Dino Preti na “Apresentação”, o objetivo do trabalho “é mostrar como o autor conscientemente se utiliza da oralidade, criando novos efeitos no processo narrativo e no diálogo de suas personagens”.

O autor é professor de Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. Tem-se destacado como pesquisador ligado ao Projeto NURC/SP (Projeto da Norma Lingüística Urbana Culta da Cidade de São Paulo). Nesse projeto, tem-se dedicado ao estudo específico da língua falada e das suas relações com a língua escrita. Suas pesquisas abrangem, sobretudo, as estratégias e os mecanismos de produção do texto oral.

O olhar atento e o cuidado do pesquisador Hudinilson Urbano ficam evidentes na organização do trabalho. A obra está dividida em duas partes distintas e com funções bem específicas. A primeira, panorama teórico-metodológico, trata de vários assuntos teóricos, dentre os quais enunciação/enunciado; narrativa oral/narrativa escrita; variedades lingüísticas; modalidades lingüísticas: língua falada/língua escrita. A segunda parte, a representação da oralidade em Rubem Fonseca, analisa o material selecionado e coloca em prática os componentes teóricos da primeira parte.

Fundamentado em teóricos como Benveniste, Ducrot, Todorov, Kerbrat-Orecchioni, entre outros, no primeiro capítulo, o autor processa um vasto painel sobre questões relativas à enunciação, enunciado e marcas da enunciação. No segundo capítulo, aborda aspectos da narrativa oral e narrativa escrita, planos da narrativa, tipologia do narrador, discurso direto, indireto e indireto livre. O terceiro capítulo está dedicado às variedades lingüísticas. Nessa seção, há o propósito de estudar os diversos níveis de linguagem e os fatores que levam a

essa variação. Língua falada e língua escrita constituem o tema principal do quarto e último capítulo da primeira parte. Nele, há reflexões importantes sobre a estrutura, modo de aquisição, meios de produção, transmissão e recepção das modalidades falada e escrita. Nesse capítulo, há um substancial estudo sobre as características específicas da língua falada, complementado pela interessante observação da página 131, ao finalizar a primeira parte: “Como fecho do capítulo e das considerações de ordem teórica, consignamos a observação sobre conversação real e conversação literária de Criado de Val (1980: 15-7), que, como já salientamos, distingue conversação e narração na fala, aproximando, sob certos aspectos, a narração oral à escrita e mesmo à escrita literária”.

Depois de compor um painel dos protagonistas responsáveis pela estrutura narrativa, há a preocupação de observar como e em que nível e medida esses diversos protagonistas realizam os atos de fala, representando diversos papéis dentro das diversas situações de fala. A segunda parte da obra analisa o material selecionado. No primeiro capítulo, existe a preocupação de esclarecer o critério de seleção dos contos. Foram selecionados oito contos da obra geral do escritor Rubem Fonseca: “Fevereiro ou março”, “Gazela”, “A força humana”, “Desempenho”, “O caso de F. A.”, “Botando pra quebrar”, “Pierrô da caverna” e “O jogo do morto”. Segundo Urbano (p.136), a escolha “atendeu a critérios de distribuição da produção no tempo; da sugestão da “crítica”; da diversificação temática e de alguma recorrência de personagens em alguns contos. Todavia, mais que qualquer critério, inclusive de valor literário, prevaleceu o interesse pelo enfoque lingüístico no atendimento à expectativa de uma abordagem mais diversificada possível em relação ao universo teórico ventilado”. No segundo, trabalha-se a questão da formalidade e informalidade da narrativa literária. Esse também é um ponto que merece reflexão cuidadosa. Nas páginas 136 e 137, o autor explicita: “Essa noção de formalidade/informalidade abrange dimensões diversas, que se implicam e se explicam mutuamente. Aqui estamos pensando em formalidade/informalidade na pro-

essa variação. Língua falada e língua escrita constituem o tema principal do quarto e último capítulo da primeira parte. Nele, há reflexões importantes sobre a estrutura, modo de aquisição, meios de produção, transmissão e recepção das modalidades falada e escrita. Nesse capítulo, há um substancial estudo sobre as características específicas da língua falada, complementado pela interessante observação da página 131, ao finalizar a primeira parte: “Como fecho do capítulo e das considerações de ordem teórica, consignamos a observação sobre conversação real e conversação literária de Criado de Val (1980: 15-7), que, como já salientamos, distingue conversação e narração na fala, aproximando, sob certos aspectos, a narração oral à escrita e mesmo à escrita literária”.

Depois de compor um painel dos protagonistas responsáveis pela estrutura narrativa, há a preocupação de observar como e em que nível e medida esses diversos protagonistas realizam os atos de fala, representando diversos papéis dentro das diversas situações de fala. A segunda parte da obra analisa o material selecionado. No primeiro capítulo, existe a preocupação de esclarecer o critério de seleção dos contos. Foram selecionados oito contos da obra geral do escritor Rubem Fonseca: “Fevereiro ou março”, “Gazela”, “A força humana”, “Desempenho”, “O caso de F. A.”, “Botando pra quebrar”, “Pierrô da caverna” e “O jogo do morto”. Segundo Urbano (p.136), a escolha “atendeu a critérios de distribuição da produção no tempo; da sugestão da “crítica”; da diversificação temática e de alguma recorrência de personagens em alguns contos. Todavia, mais que qualquer critério, inclusive de valor literário, prevaleceu o interesse pelo enfoque lingüístico no atendimento à expectativa de uma abordagem mais diversificada possível em relação ao universo teórico ventilado”. No segundo, trabalha-se a questão da formalidade e informalidade da narrativa literária. Esse também é um ponto que merece reflexão cuidadosa. Nas páginas 136 e 137, o autor explicita: “Essa noção de formalidade/informalidade abrange dimensões diversas, que se implicam e se explicam mutuamente. Aqui estamos pensando em formalidade/informalidade na pro-

dução narrativa e, em especial, na narrativa literária, em que, na realidade, a informalidade se faz por simulação. Será tanto mais informal quanto mais revelar um tom de descompromisso com as técnicas, regras e fórmulas especiais e complexas, um tom de narrativa oral coloquial, isto é, como se produzida distensamente para ouvintes à frente, como se despreocupada com o rigor na linguagem, no plano organizacional e na interligação lógica dos fatos e circunstâncias, na seqüência tópica cronológica, com situações dramáticas mais ou menos bem caracterizadas e delimitadas, com correlação planejada de incidentes e parágrafos, atingindo o leitor com uma sensação desconcertante. Tudo ao contrário caracterizaria uma narrativa mais formal, elaborada”. Já no terceiro capítulo, trata-se da linguagem dos contos e a importância da linguagem como elemento caracterizador da formalidade e da informalidade da narrativa. Nesse capítulo, destacam-se as seções dedicadas à problemática da competência lingüística e do desempenho lingüístico do narrador e das personagens. E finaliza (p. 263) asseverando que “as análises realizadas nos contos selecionados comprovam a hipótese de que Rubem Fonseca incorporou o registro da oralidade, aqui entendida como língua falada popular, onde, como e quanto lhe permitiam a verossimilhança e o canal escrito, realizando assim, à sua maneira, a linguagem literária desses contos”.

Nessa perspectiva, fica evidente que a obra de Hudinilson Urbano interessa a lingüistas e a estudiosos da literatura. Há uma bem feita imbricação de elementos literários e lingüísticos, como afirma na página 15: “Da modernidade lingüística pode-se dizer que é concebida como objeto portador de realidade própria. É como se esse meio, a linguagem, se transformasse, ela mesma, em ‘fim’, a tal ponto que, em certos contos, o seu vigor parece ofuscar o das próprias ações. Na realidade, as ações lingüísticas (o uso lingüístico) coocorrem, e muitas vezes parecem concorrer, com as demais ações extralingüísticas do enredo”.

Outros valores acentuam a substancialidade do trabalho de Urbano. Sem fazer parte do corpo do trabalho, há mais duas seções

que revelam o cuidado que ele tem com seus leitores e deixa claro o perfil de pesquisador esmerado. Trata-se da bibliografia e do índice remissivo.

Para facilitar o trabalho de leitura, há divisão da bibliografia em três partes: bibliografia geral; bibliografia abrangendo dicionários de linguagens específicas, gírias, termos e expressões populares, incluindo dicionários comuns que registram tais usos; bibliografia sobre o autor estudado. Especialmente aqueles que desejam estudar questões relativas à língua falada, oralidade, língua falada e língua escrita têm a seu dispor uma ampla e rica fonte de textos específicos sobre o assunto.

Por outro lado, ainda revelando o perfil do pesquisador sério, teve o cuidado de organizar um excelente índice remissivo, item que já não se encontra em obras de divulgação. Acrescente-se, ainda, a excelente “Apresentação” de Dino Preti, que, por si só, representa uma boa resenha da obra e antecipa questões importantes a serem discutidas e refletidas.

É inegável a importância da obra de Hudinilson Urbano, pois trata-se de pesquisa altamente significativa no plano lingüístico e literário. Para os estudiosos da Análise da Conversação, esta obra oferece a oportunidade de conhecer, rever e reavaliar as possibilidades da língua falada e seu difícil processo de representação na literatura.

Escrita numa linguagem adequada e fluente, a obra deve ser consulta obrigatória de estudantes de Letras, pesquisadores, críticos literários e amantes da literatura.